

**JORGE MOREIRA**

shakti@sapo.pt

**Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet,  
Universidade de Coimbra, Portugal/Universidade Aberta, Portugal**

## **A ECOLOGIA ESPIRITUAL É TAMBÉM UMA INDIVIDUAÇÃO**

### **RESUMO**

A partir do livro *Eu sou tu. Experiências ecocríticas*, tratamos o tema à luz da crise ecológica, dando visibilidade a duas correntes da ética ambiental ecocêntrica – a ecologia profunda e a ecologia espiritual – que se cruzam na ecosofia, um caminho pessoal para tentar perceber e sentir a realidade mais profunda que emerge da teia da vida e que tudo liga. Essa procura implica uma dupla rutura epistemológica, para incluir a transdisciplinaridade e uma narrativa mais em consonância com a realidade da vida, assim como potenciar o florescimento das ligações empáticas entre seres humanos e não-humanos e a natureza. Trata-se de alargar as fronteiras do indivíduo, para incluir o todo, que também o é, sem, contudo, perder a sua própria singularidade. Quando a percepção e a experiência ecosófica forem límpidas e profundas, é natural que haja uma identificação do indivíduo com a natureza. Nesse momento é mais fácil passar a respeitá-la e cuidar dela, porque a sua proteção integra a proteção do indivíduo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

crise ecológica; ecologia profunda; ecologia espiritual; individuação

---

A inteligência que em mim pensa faz também florescer os campos e  
cantar a ave.

A vida que corre nas veias da criança não é estranha à seiva que faz  
crescer as árvores...

Já não me apercebo a mim mesmo senão como uma expressão particular entre outras deste Todo que é Uno e então, na interconexão vivida de todas as coisas, conheço a imensidade e o repouso. (Leloup, 2000, p. 23)

## INTRODUÇÃO

Foi com alegria que recebi o convite de José Pinheiro Neves para redigir algumas palavras sobre o texto *Eu sou tu. Experiências ecocríticas*, editado conjuntamente com Pedro Rodrigues Costa, Paula de Vilhena Mascarenhas, Ilda Teresa de Castro e Virginia Román Salgado. Um trabalho pertinente que contribui para diagnosticar as patologias subjacentes à crise social e ecológica que afeta a contemporaneidade.

O trabalho em questão, de base psicossociológica, estuda a individuação humana, recorrendo, essencialmente, a autores como Gabriel Tarde, Carl Gustav Jung, Gilbert Simondon, Gilles Deleuze e Bruno Latour. Incorpora também novos conhecimentos das Ciências da Natureza, da mente e do cosmos, relacionando-os com o estético, o sagrado e o saber ancestral, numa transdisciplinaridade alargada às racionalidades leigas. Coloca justamente em causa os paradigmas antropocêntricos, apontando as patologias do narcisismo e da imitação – no sentido de repercutir ideias e ações dos outros em detrimento de um florescimento interior – como atributos, ora dominadores no sentido exterior, ora submissivos na aceitação do que vem do exterior, que afeta as relações entre seres humanos e entre estes e o mundo natural.

Sabemos desde há muito como as grandes corporações do capitalismo neoliberal aproveitam avidamente a energia emanada em volta desses atributos, deificando-os subtilmente, através do marketing manipulador, cunhado de economia de mercado, que arrasta multidões, cobra as almas dos políticos e consome tudo o que toca, com consequências humanas e ecológicas catastróficas. Isto acontece porque os seres humanos se deixaram capturar por várias cosmovisões fragmentárias, alicerçadas por dogmas religiosos e cartesianos que levaram a uma rutura tanto com o coletivo como com a interioridade. O *eu* e o *tu* separados, tal como o homem e a mulher, a matéria e o espírito, o humano e a natureza.

## A INDIVIDUAÇÃO

A educação formal atual, enclausurada em quatro paredes e encimada pela dominante tecnociência, bem como a forma de viver o coletivo baseada na venda assalariada da energia do trabalho, perpetuam em grande medida essas dicotomias, com a excessiva valorização do ego pessoal e a competição contínua, tendo em vista o lucro imediato. Desde muito jovens, as mentes dos humanos na sociedade hegemónica são formatadas para desempenharem determinada função no coletivo, como dizem os autores, *numa universalidade postiça*, e para ligar a felicidade à submissão de uma imagem que o sistema impõe, à dependência dos poderes das empresas e do Estado. Ambos, sociedade e indivíduos já formados, encontram-se aprisionados pela ilusão da separatividade, incapazes de perceberem a unidade da vida, a inter-relação e a interdependência entre tudo o que existe.

Que ou quem seríamos nós sem as estrelas, o dia, as árvores, o chilrear dos pássaros, a beleza de uma rosa, ou o cheiro da terra que acabou de ser beijada pela chuva?  
Que ou quem seríamos nós sem o sorriso do bebé, o perfume do incenso, o oceano ou as montanhas?  
Que ou quem seríamos nós se os rios secassem, as abelhas se extinguissem ou os golfinhos deixassem de brincar?  
Que ou quem seríamos nós se todas as bactérias que habitam o nosso organismo nos abandonassem imediatamente?  
Que ou quem seríamos nós sem o amor e a amizade?<sup>1</sup>

A individuação humana equilibrada, defendida pelos autores, processa-se numa interação contínua do eu consigo mesmo, com a sua pré-individualidade biológica e física, e, ao mesmo tempo, com o transindividual, o coletivo. Não é uma individualização-socialização doentia com o objetivo de anular a singularidade de cada um, mas antes uma individuação que aprende a gerir o intermédio que somos, na forma como redescobrimos ao mesmo tempo o sentido de comunidade sem abafar as nossas idiossincrasias, a nossa subjetividade. A singularidade de sermos humanos continuará afirmada, mas enriquecida pelo *continuum* inseparável entre nós e o coletivo humano em que nos encontramos inseridos ou, numa escala planetária, como partículas proativas e conscientes de Gaia. De acordo com a teoria científica de James Lovelock (1988), todo o planeta Terra (Gaia) é um superorganismo vivo, na medida que o complexo sistema biogeoquímico que o constitui, entre outros fatores, regula o clima e mantém as condições homeostáticas indispensáveis à vida.

<sup>1</sup> Poema original e inédito do autor.

Esta individuação equilibrada é como uma ecosofia pessoal, similar à da Ecologia Profunda – uma corrente ecocêntrica da ética ambiental. A ecosofia implica autoconhecimento, um trabalho individual que cada um deverá realizar sobre si mesmo. Trata-se de uma abordagem sistêmica, sobre as relações socioecológicas, que leva o indivíduo a identificar-se como parte do todo (Devall & Sessions, 2004). Isto advém da expansão da sua consciência fundada na experiência, emoção-afeto e na sabedoria. Fundada e fundamentada numa compreensão da teia da vida e da experiência plena de comunhão com a natureza, longe da dualidade sujeito e objeto e da separação do mundo humano e não-humano. Toda a natureza é abordada como uma indivisível unidade, sendo o ser humano uma extensão do mundo natural (Varandas, 2009). A maturidade do indivíduo dá-se quando o círculo de identificação é o mais alargado possível (Vaz & Delfino, 2010), o que conduz à “espiritualidade”. Um termo mal compreendido, tanto nos meios académicos como nos religiosos, que devemos tentar perceber melhor.

## INDIVIDUAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade não é nenhum dogma religioso. É uma palavra que vem do termo “espírito”, em sânscrito – *atman*, em latim – *spiritus*, em grego – *pneuma* e em hebraico – *ruah*, que significa “sopro”. Assim, espiritualidade é qualidade do *sopro* que anima o indivíduo, que se emerge dele, mas que se encontra ligado ao todo. O desabrochar dessa qualidade baseia-se na sabedoria e na experiência direta (Taimni, 1995) que proporciona a capacidade do indivíduo em se aproximar dos mistérios da vida (Roof, 1993; Taimni, 1995; Taylor, 2005). A espiritualidade envolve valores éticos (Taylor, 2005), mas é culturalmente transversal, ultrapassa as idiosincrasias religiosas, mas identifica-se com os seus últimos objetivos: o despertar, a salvação, o nirvana ou o *samadhi*. Poderá relacionar-se também com a etimologia inicial do termo “religião”, *religare* de Lactâncio e Tertuliano (Benveniste, 1969), no sentido de religar o ser humano ao absoluto ou à perspectiva sagrada da vida. A espiritualidade encontra-se no mais elevado objetivo do esforço humano que procura a realidade última que existe no âmago do universo manifestado (Taimni, 1995). É a mais sagrada aspiração da condição humana. A forma mais elevada de consciência, o conhecimento universal manifestado no local (UNEP, 1999), descrita por místicos como consciência divina e por investigadores contemporâneos como consciência quântica não local (Goswami, 2009). Carl Sagan disse

que “a ciência não só é compatível com a espiritualidade, mas é também uma fonte de espiritualidade profunda” (Sagan, 1996, p. 43). Várias teorias da ciência holística revelam essa dimensão, por exemplo, a teoria da ordem implícita de David Bohm diz que

a realidade mais abrangente, profunda e intrínseca não é nem a mente nem o corpo, mas sim uma realidade de dimensão mais elevada, que é a base comum de ambos e cuja natureza está além de ambos. Cada um deles é então apenas uma subtotalidade relativamente independente, sendo que essa relativa independência deriva da base de dimensão mais elevada na qual a mente e o corpo são essencialmente um só (assim como verificamos que a relativa independência da ordem manifesta deriva da base da ordem implicada). (Bohm, 1980, p. 265)

Fritjof Capra afirma que “a consciência ecológica profunda é em última análise uma consciência espiritual” (Capra, 1996, p. 45). Assim, ao estimularmos a investigação aberta, pertinente e conectada (Capra, 1996) sobre nós próprios, as nossas ações e relações com os outros seres humanos e não-humanos, e com os diversos coletivos, sociedades e ecossistemas, estamos a contribuir para alcançar uma consciência espiritual, uma ecosofia, uma individuação. Contudo, ter uma consciência espiritual desenvolvida não é sinónimo de ação (co)[r]recta. O *paradoxo de Giddens* (2010) explica a inércia das pessoas em alterar as suas atitudes e comportamentos, mesmo (re)conhecendo factos.

Assim, onde podemos fazer a diferença na nossa ação quotidiana perante as patologias-catástrofe do “eu” e do “coletivo” que afetam os seres humanos?

A resposta ao problema passa pela construção urgente de uma nova ciência, fundada numa dupla rutura epistemológica, tal como defende o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1999). Um espaço onde a hermenêutica diatópica pode florescer a par da tradução, entre o saber hegemónico e as racionalidades leigas. Uma nova ciência transdisciplinar (na senda dos autores do livro) capaz de abordar os fenómenos como um todo sem cair num holismo simplificador. A investigação científica, quando aberta, é uma mais-valia para compreender as relações entre tudo o que existe. A Ecologia, por exemplo, mostra uma teia de vida que tudo une, biota e abiota, patente no fluxo de matéria e energia nos ecossistemas. Nada consegue sobreviver sozinho, quanto mais evoluir. O ser humano, tal como os outros seres, são elos dessa enorme cadeia de vida. Paralelamente, existem

propriedades emergentes que só se manifestam no coletivo e são indispensáveis à evolução da vida e da consciência. Muitas dessas propriedades não são visíveis, nem palpáveis, como os campos mórficos de Rupert Sheldrake (1996), uma espécie de memória coletiva, que está por detrás das formas de todos os seres e tem efeito organizativo sobre o comportamento. A experimentação científica comprova-o.

## UMA SÍNTESE

Discorre-se, aqui, embora em nota de rodapé, acerca das novas descobertas no campo da epigenética, onde o ambiente pode influenciar os genes, o filogenético. Vários outros estudos ligados às Neurociências referem a possibilidade de reprogramar ontogeneticamente as conexões neuronais do nosso cérebro, a fim de deixar um vício ou desempenhar eficientemente uma nova tarefa. Afinal, existe saída para o nosso problema. Mudar o ambiente psicofísico, mesmo num indivíduo, tem repercussões também no coletivo, como mostra bem Sheldrake (1996). Uma ecologia profunda poderá dar um contributo positivo, através da ecosofia, indagando sobre as origens das crises e, individualmente, tentando corrigir comportamentos e atitudes. Uma individuação, não só reflexiva, mas também ativa, iluminada por uma ética abrangente – a ética ambiental, portadora de valores de uma cidadania renovada (Soromenho-Marques, 1998), num balanço entre direitos e responsabilidades (Vaz & Delfino, 2010). Um *cluster* entre saber, consciência, ação e participação, fundamentais na construção de coletivos mais equitativos, solidários, cooperantes. Coletivos onde o respeito pelas outras formas de vida, rochas, rios, florestas, montanhas e ecossistemas seja, essencialmente, uma realidade natural e não forçada. A educação tem o papel *a priori* capacitando o indivíduo a envolver-se e a empenhar-se na transformação social (O’Loughlin, 1992). Contudo, a construção do saber nas escolas não deve continuar refém de um espaço isolado e condicionado pelos interesses corporativos, mas assumir ativamente uma postura integradora da realidade ecológica e cultural (Parreira, 2004). Deve ser um local para aprender a refletir, a pensar de maneira diferente, no outro, no todo, nas ações e nas consequências. Um local onde se deve potenciar o florescimento das ligações empáticas, compassivas e cooperativas. Da mesma forma, cada um de nós é capaz de destruir coletivamente e individualmente algumas conexões neuronais ego e antropocêntricas, construindo um novo “ADN”. A meditação é um excelente método de reprogramação, como mostram os estudos realizados por uma equipa de psiquiatria do Massachusetts

General Hospital, onde conclui que a sua prática regular pode levar a alterações consideráveis em determinadas regiões cerebrais relacionadas com a autoconsciência, a empatia e a memória (Hölzel et al., 2011).

Paralelamente, os seres humanos começam pouco a pouco a redescobrir os aspetos positivos dos coletivos ditos pré-modernos, onde o sagrado desempenhava um papel fundamental no equilíbrio e respeito pelo outro ser humano, não-humano e pela natureza, patente em muitas culturas primevas. Não se trata de um retorno ao nosso passado, mas a uma intuição esclarecida pela emoção da comunhão com o outro. Uma civilização que incorpora técnica, estética e ética e (re)coloca o ser humano em harmonia com os outros seres e os sistemas ecológicos naturais. Isto só será possível através da individuação e de uma prática de vida esclarecida que advém da percepção espiritual da unidade que subjaz na ecosfera. A propósito, a análise de Einstein é bem elucidativa:

um ser humano é uma parte do todo, a que chamamos “Universo”, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta-se a si mesmo, aos seus pensamentos e sentimentos, como algo separado do resto - uma espécie de ilusão ótica da sua consciência. Esta ilusão é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais e ao afeto por algumas pessoas que nos são chegadas. A nossa tarefa é libertarmo-nos desta prisão, alargando o nosso círculo de compaixão até ao ponto de abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza na sua beleza. (Sullivan, 1972, p. 22)

Que bela forma de enunciar a individuação!

No fundo, trata-se de fazer florescer aquela intuição bem oculta que habita no âmago de nós, que se identifica com a teia de vida da qual fazemos parte. Quando esta intuição é despertada pela nossa consciência/ação que envolve empatia, ela é acompanhada por uma felicidade inefável. Embora esse sentimento seja só nosso, vivido no nosso interior, só é possível alcançá-lo quando a nossa consciência/ação trespassa as fronteiras da nossa individualidade, passando a ser também o outro, a sociedade, a Terra, o Universo. Uma propriedade emergente latente, que o indivíduo pode fazer fluir crescentemente com o seu alargamento de horizontes. Na verdade, todos os seres, da qual a humanidade faz parte, pertencem à mesma família terrena e têm a sua função no sistema cósmico. Com esta identificação, muitas das causas que levaram às crises social e ecológica da contemporaneidade cessarão. Defender a sociedade ou a Terra como um todo passa assim a ser a defesa de si próprio.

**REFERÊNCIAS**

- Benveniste, E. (1969). *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Paris: Minuit.
- Bohm, D. (1980). *Wholeness and the implicate order*. Londres, Nova Iorque: Routledge Classics.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Devall, B. & Sessions, G. (2004). *Ecologia profunda, dar prioridade à natureza na nossa vida*. Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé.
- Giddens, A. (2010). *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goswami, A. (2009). *Deus não morreu*. Lisboa: Planeta Editora.
- Hölzel, B., Carmody, J., Vangel, M., Congleton, C., Yerramsetti, S., Gard, T. & Lazar, S. (2011). Mindfulness practice leads to increases in regional brain gray matter density. *Psychiatry Research: Neuroimaging*, 191(1), 36.
- Leloup, J. Y. (2000). *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis: Vozes.
- Lovelock, J. (1988). *As eras de Gaia – uma biografia da nossa Terra Viva*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- O’Loughlin, M. (1992). Science education: Beyond Piagetian constructivism towards a socio-cultural model of teaching and learning. *Journal of Research in Science Teaching*, 29(8), 791-820.
- Parreira, F. (2004). Holismo ético: uma emergência social. In *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Sociedades contemporâneas: reflexividade e acção* (pp. 26-32). Atelier: Ambiente.
- Roof, W. C. (1993). *A generation of seekers*. San Francisco: Harper.
- Sagan, C. (1996). *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, B. (1999). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- Sheldrake, R. (1996). *A presença do passado: ressonância mórfica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Soromenho-Marques, V. (1998). *O futuro frágil. Os desafios da crise global do ambiente*. Lisboa: Publicações Europa-América.



- Sullivan, W. (1972, 29 de março). The Einstein papers: a man of many parts. *New York Times*. Retirado de <https://www.nytimes.com/1972/03/29/archives/the-einstein-papers-a-man-of-many-parts-the-einstein-papers-man-of.html>
- Taimni, I. K. (1995). *O Homem, Deus e o universo*. São Paulo: Pensamento.
- Taylor, B. (2005). *Encyclopedia of religion and nature*. Londres, Nova Iorque: Continuum.
- UNEP, United Nations Environment Program. (1999). *Cultural and spiritual values of biodiversity*. Londres: Intermediate Technology Publications.
- Varandas, M. J. (2009). *Ambiente – uma questão de ética*. Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Vaz, S. & Delfino, A. (2010). *Manual de ética ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.

Citação:

Moreira, J. (2020). A ecologia espiritual é também uma individuação. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 165-173). Braga: CECS.